



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

O CÃO E O GATO

Por ZÉ D'ALDEIA — Desenhos de A. CASTAÑÉ

UM dia, um gato e um cão, em certa oportunidade, pensaram numa união toda paz, fraternidade.

Coube a vez ao cão imigo de falar desta maneira: — «Ouve, gato, o que te digo, não julgues ser brincadeira...

Andamos sempre em disputas como feras que não sômos, e nestas terríveis lutas a que sempre nos propomos,

que ganhamos, oize? — Nada! Esta triste conclusão: — eu pregar-te uma dentada, tu dares-me um arranhão!

Juremos findar a fama que nos deu a Natureza, dormindo na mesma cama, comendo na mesma mesa!»

Responde o gato em seguida, após uma reflexão: — «Era tão boa essa vida em paz e mútua afeição!

Mas o que devo eu fazer para selar o contracto, ao qual hei-de obedecer, palavra de honra de gato?»

— «Tu vais as unhas cortar, eu corto os dentes; depois, sem armas para lutar, sômos amigos os dois!...»

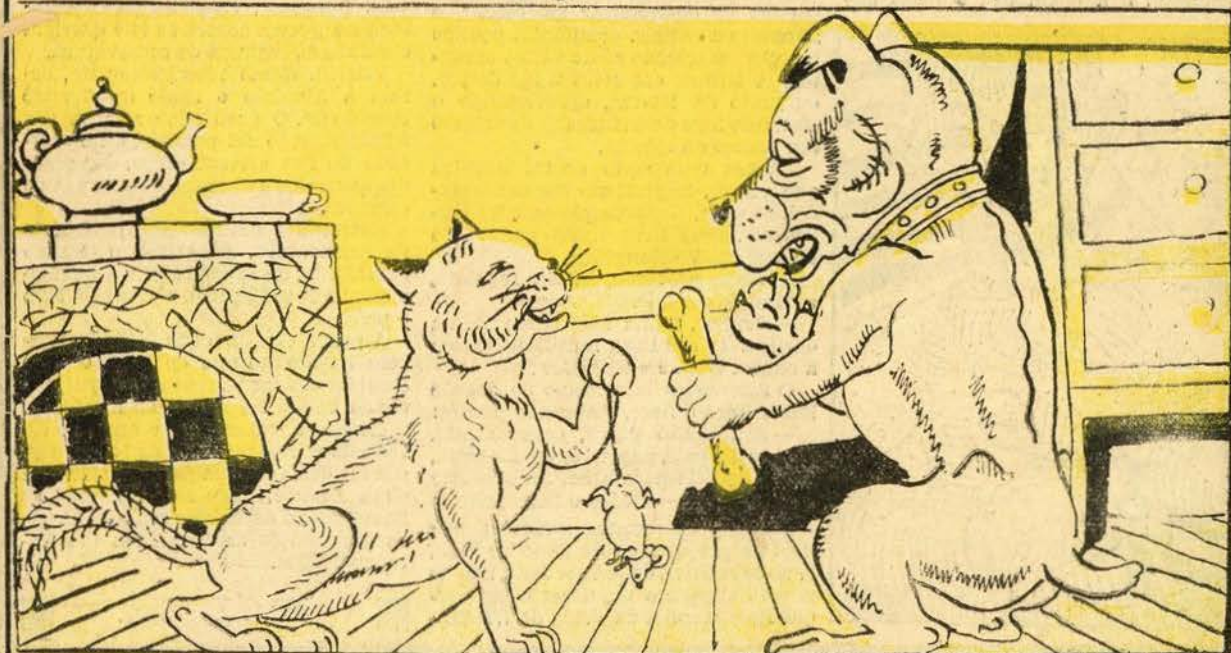
— «Cortar as unhas?! Os gatos sem elas o que farão? Como hei-de eu apanhar ratos, se é a minha profissão?!

Responde o cão: — «Sim, os nossos destinos não são dif'rentes... Como hei-de eu roer os ossos, se ficar sem os meus dentes?!»

Pensativo, o gato diz: — «Tenho pena, francamente! Era uma vida feliz, tal como a de muita gente...

Mas se amigo queres ser, — (e quanto eu nisso me empenho) tu deixas de me morder, e eu, podes crer, não te arranho.»

(Continua na pág. 8)



DUMA CABANA AO PALÁCIO DA CASA BRANCA

Por J. F. S. Desenhos de A. CASTANÉ

NUM ponto isolado da província americana e Yelinois, destacava-se uma cabana miserável. Residia ali um homem da mais humilde condição, tendo por companheira uma mulher da mesma classe, porém muito inteligente e bondosa, e um pequenito chamado Abrahão, a quem, familiarmente, tratavam por «Abe».

A mulher aguardava o marido à porta do pobre tugúrio.

— Onde está «Abe»? — perguntou o homem, após saudar a esposa.

— Veiu da herdade e partiu para a escola — respondeu a mulher.

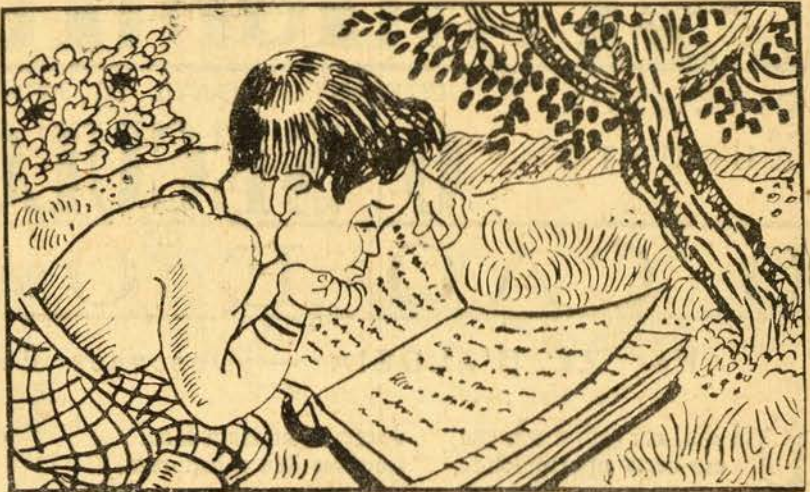
Abrahão, para ajudar a família, exercia as profissões de rachador de lenha e de criado de herdade, mas como tinha o maior desejo de aprender, percorria todos os dias a distância de quinze quilómetros à ida e outros quinze à volta, para obter duas horas de lição.

— Acaba por cair doente com tanto esforço — redarguiu, zangado, o marido, continuando:

— E depois, francamente, para que serve tanta canseira? Nós somos pobres, éle precisa de ganhar a vida em trabalhos duros, como eu sempre fiz, e de nada lhe valerá no futuro o saber ler...

— Não sou da tua opinião. Com constância consegue-se, às vezes, muita coisa. «Abe» é inteligente e tem uma vontade de ferro. Além disso é bondoso, obediente e sofredor. Ora estas qualidades abrem caminho para o futuro. Lembras-te do que éle fez quando tinha, apenas, quatro anos?

— Sim, sim, recordo-me. O caso do soldado doente que éle encontrou no caminho e a quem deu o peixe que



pescara para o jantar, preferindo comer pão sêco a ver o pobre homem com fome...

— Quem sabe — (prognosticou a afectuosa mãe) — se o nosso filho não chegará, um dia, a mestre-escola ou mesmo padre?

Ante esta risonha perspectiva, o pai de Abrahão nada mais respondeu, e mulher e marido aguardaram o regresso do filho.

Este chegou ao fim dalgumas horas, extenuado, mas de aspecto alegre.

A mesma cena se repetiu algumas semanas mais, até que, conseguindo saber lêr (seu maior desejo), o pequenito deu-se a compulsar todos os bons livros que obtinha por empréstimo, visto não ter dinheiro para os comprar.

Para se desenvolver na escrita e aprender a redigir, compunha poesias e pequenos trechos sobre vários assuntos. A leitura era feita à luz da lua, ou junto da lareira, aproveitando o clarão do fogo e servindo-lhe de estante um buraco da cabana.

Choveu uma noite de tal maneira que o livro, emprestado por um fazendeiro amigo, ficou completamente inutilizado. Esse livro tinha por título «A vida de Washington».

Abrahão procurou, no dia seguinte, o dono do volume.

— Senhor, tenho uma triste nova a dar-lhe. O seu livro inutilizou-se com a chuva. Qual é o seu valôr?

O fazendeiro informou-o de quanto lhe custára o livro, e Abrahão propôs:

— Sou muito pobre, como sabeis. Não posso, pois, pagar-vos em dinheiro, mas fá-lo-hei em trabalho. Convem-lhe?

— Convém — acedeu o fazendeiro.

Abrahão entregou-se a rudes trabalhos na propriedade do dono do livro, e, ao cabo deles, deu-se por feliz, não só porque cumprira um dia ver como por que ficara senhor da «V. a de Washin-

gton» que, mesmo naquele estado, constituia para éle um tesouro.

Depois dêsse, muitos e muitos outros livros leu e estudou, e tanto estudou, trabalhou e lutou que obteve o diploma de advogado, sendo depois eleito deputado e, mais tarde, presidente da Republica dos Estados-Unidos, lugar muito mais elevado do que qualquer daqueles ambicionados por sua mãe.

Existia, então, o bárbaro costume da escravatura.

Abrahão que fora, desde menino, uma boa alma, não tolerando o sofrimento de ninguém, nem mesmo o dos animais, revoltou-se contra êsse hábito e proclamou a abolição dos escravos, tornando livres todos os homens que se abrigavam sôb a bandeira do seu país. Para isso, viu-se forçado a manter uma guerra contra os que queriam continuar o regimen da escravatura.

Venceu. Como reconhecimento, deram a Abrahão o titulo de Grande Presidente. O povo adorava-o. A sua administração foi perfeita, e no exercício do seu elevado cargo, deu grandes exemplos de bondade e nobreza de character.

Entretanto um fanático, partidário da escravatura, assassinou o Grande Presidente, o que deu origem a um movimento de indignação e pesar em todo o país.

A pobre cabana onde Abrahão Lincoln nasceu no ano de 1809, é hoje considerada monumento nacional, podendo ver-se no museu de Kentucky.

Graças à tenacidade e amor ao estudo do antigo rachador de lenha, passou éle dessa cabana para o palácio da Casa Branca, onde residem, com as homenagens devidas ao seu alto cargo, os presidentes da Republica dos Estados-Unidos.



A MELHOR ACCÇÃO

Por LEONOR DE CAMPOS — Desenhos de A. CASTANE

UM rei tinha três filhos. Certo dia, mandou chamá-los e, mostrando-lhes uma linda pérola do mais fino oriente, disse-lhes: — «Meus filhos, esta pérola formosíssima será para aquele de vocês que melhor solução encontrar para um assunto que me preocupa:

Supunhamos que eu tinha um inimigo fidalgo; um homem que me odiava de morte e me prejudicava sempre que se apresentava ocasião. Num dos meus passeios encontrava esse homem adormecido á beira dum precipício. Sentara-se ali a descansar e adormecera. Um movimento em falso... e rolaria para o abismo.

Eu resolvia-me a acordá-lo. Mas, de súbito, assaltava-me a idéa de que, certamente, o homem não compreenderia o meu gesto. Tenho mesmo a certeza disso, porque o conheço bem e o sei incapaz de ter um bom pensamento. Que fazer então? Que faríeis vós neste caso? Refleti bem, meus filhos, e respondi depois...»

Passaram uns instantes. Levantou-se, por fim, o filho mais velho e disse:

— «Meu pai: Se o caso se passasse comigo, se houvesse um homem que me odiasse como disses-te, eu abandoná-lo-ia á sua sorte. Não o empurra-



ria, não. A vida dum homem deve depender apenas da vontade de Deus e não da de outro homem. Contudo, como não estaria disposto a deixar-me maltratar, nada faria para salvar o meu inimigo...»

O rei ouviu e não respondeu.

Levantou-se o segundo filho:

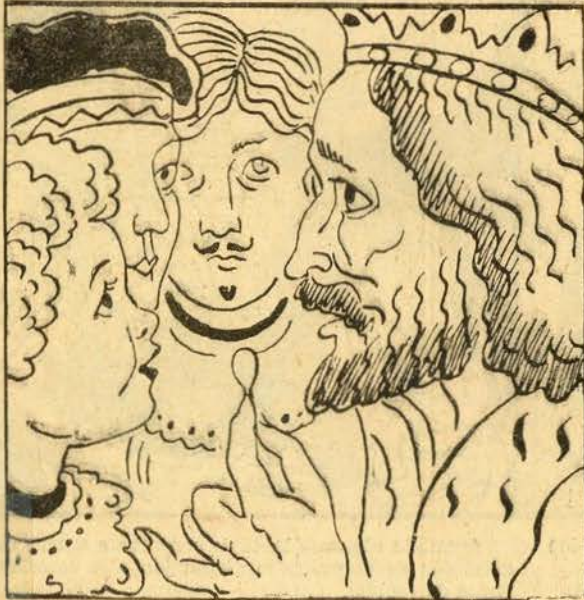
— «Eu, meu pai, não sei, não sei o que faria.

O caso é deveras complicado... Sim; é possível que procedesse como meu irmão... Ou mesmo... talvez... sim, talvez, depois de reflectir maduramente sobre os prós e os contras dessa resolução, eu me decidisse não a acordá-lo mas a chamar qualquer pessoa que o fizesse...»

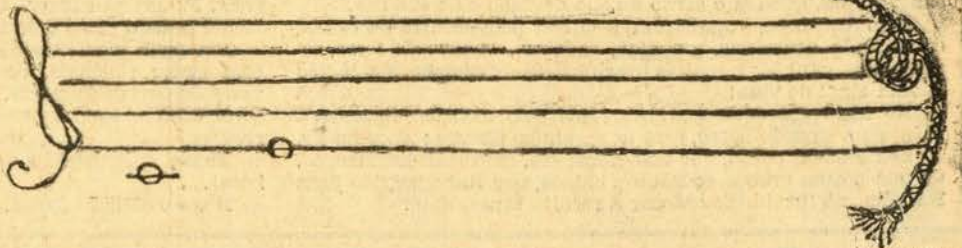
Ergueu-se, então, o filho mais novo:

— «Meu pai — disse com firmeza —: Eu acordaria imediatamente o meu inimigo. Não queria saber de conseqüências. Ficaria toda a vida de mal com a minha consciência, tornar-me-ia a meus olhos o mais desprezível dos homens, se, podendo salvar uma vida, ainda que com sacrifício da minha, o não fizesse!... Fosse essa vida a do meu mais irredutível e feroz inimigo!...»

— «É tua a pérola, meu filho — respondeu o rei. — Ser nobre não é, apenas, saber manejar armas com destreza, ser corajoso e destemido, ter antepassados... Ser nobre é, principalmente, fazer o bem sem esperança de recompensa...»



ENIGMA
PITORESCO



AVENTURAS DE CHICO MANANICO

Por ZE' D'ALDEIA
Desenhos de A. CASTANÉ



O Chico Mananico é um rapazinho de 9 anos, a quem os leitores do Texas Jack e do Sherlock-Holmes, fizeram um aventureiro... teórico. Um dia, pensou fazer um aeroplano. E, se bem o pensou, melhor o fez... Uma serra, um martelo, tábuas, limas, pregos, cola-tudo e um lençol da mamã, que ele surripiou do gavetão, para fazer as asas!

Feito em segredo na loja das arrumações, adaptou-lhe um motor velho duma motocicleta, que comprou no ferro-velho da sua rua, por dois escudos.

Quando julgou que tudo estava pronto, e já tinha traçado o itinerário Lisboa — Cochinchina em vôo directo, pôs-se a experimentar o motor.

Foi-se á gasolina que o papá tinha numa garrafa, para o isqueiro, e, zás...

Mas o motor em vez de fazer *terráttáttá*, fez *pum!*... E a gasolina, espalhando-se, pegou o fogo ás asas, tendo-se comunicado a um colchão velho e a diversa papelada.

Chamados os bombeiros a toda a pressa, apagaram o incêndio com o auxílio duma agulheta.

Valeu-lhe a imprudência uma dúzia bem puxada de acoites, e dois grandes puxões de orelhas.

Mas não desistiu. Chico Mananico queria a todo o custo a celebridade.

— «Não fui pelo ar, mas hei-de ir pelo mar!» disse para os seus botões.

No domingo seguinte, pediu ao papá licença, para ir ver caçar gaiotas para o Terreiro do Paço. Obtida licença, foi-se ao mealheiro e tirou 49875, que a generosidade materna lhe tinha concedido para as suas bugingangas favoritas.

Chegado á Praça da Figueira, encheu um saco de provisões, comprando igualmente um garrafão de água de Caneças, e tocou até ao Terreiro do Paço onde alugou um bote com o pretexto de dar um passeio á beira rio.

Mas ele tinha-a fígada!...

Mal se viu um pouco ao largo, armou a véla, fazendo-se com rumo á Torre do Bugio.

Já ia pelas alturas de Alges, quando uma forte ventania o impelliu rapidamente para o mar-alto.

Chico Mananico no seu «casca de noz» apelava já para todos os santos e santas da corte dos céus!...

Mas de nada lhe valeu.

O bote corria como uma flecha, por mares nunca dantes navegados...

Já o sol se mergulhava, lentamente, como uma brasa, no vasto lençol do mar imenso.

Nisto, um vagalhão da altura dum quinto andar, caiu sobre o pequeno bote, e Chico Mananico, fechando os olhos, só teve tempo para proferir estas palavras:

— «Valha-me Nosso Senhor!...»

Quando voltou a si, sentiu um calor estranho. Olhou á sua roda e viu uma montanha de costelas, que mais pareciam troncos de castanheiros; tripas da grossura de canos de esgoto, e um coração que lembrava a barquinha do balão estratosférico do Dr. Picard!...

O resfolar do monstro, semelhava o ruído das máquinas do vapor Massilia!...

Chico Mananico, que de tolo nada tinha, compreendeu, imediatamente, que estava dentro duma baleia. Tinha fome. Há



quantas horas andava dentro do monstro? Impossível sabê-lo! Lá dentro era sempre noite...

Prudentemente, anichou-se entre duas costelas do monstro, para evitar ser expellido para o mar, com as colossais enxurradas das digestões. Mas a fome era cada vez maior. Chamou por santo André, que era o santo da sua devoção e da sua rua.

Acto contínuo, começaram a entrar pela bocarra da baleia, caixotes de conservas, garrafas, cadeiras, chapas de ferro, espingardas, canhões e muitos marinheiros de rabicho, que já não davam sinal de vida!

No meio dos destroços absorvidos pelo monstro, figurava a proa dum grande barco, com os seguintes dizeres: *Xing-Pu-Fy*.

Lembrou-se, então, que esse nome era, nem mais nem menos, do que o dum grande couraçado chinês, que tinha partido para Fu Kim, no intuito de sufocar a revolta separatista.

Apanhou algumas latas de conserva e outros mantimentos e munições de guerra, que alojou junto ás costelas, que lhe serviriam de refúgio.

Vendo, entre esse mar de destroços, maços de cigarros chineses e fósforos, apeteceu-lhe tirar algumas fumaças, para se distrair. Fumou um maço. Dentro da baleia o fumo tornou o ambiente pesado como o do café da Brasileira em noite invernosas.

Em dado momento o coração da baleia começou a pendular com maior violência, contorcendo-se o monstro, como se estivesse ás portas da morte.

E saltava roncões que pareciam tiros de merteiro nas trincheiras.

Tinha a impressão de que navegava a 2.500 quilómetros á hora!...

Nisto o coração parou, ouvindo-se um ronco que fez estreme-

cer o pobre Chico Mananico, e arrefecer-lhe todo o sangue. E a seguir um choque violentíssimo, que lhe deu a impressão do desmoronar da Serra da Estrela!...

Passadas horas, sentiu um martelar estranho, até que, num dado momento, se abriu uma brecha no costado do monstro, pela qual se coava uma réstega de sol. Olhando através dessa brecha, apareceram alguns homens, de machado em punho.

Então, gritou por socorro, sendo descida uma corda de nós, por onde Chico Mananico subiu!

Quando se viu fóra do monstro, encontrou-se na Costa do Sol, onde meia Lisboa o recebeu com palmas, e aos gritos de: — «Viva o pequeno herói Chico Mananico!...»

Lá estavam seus pais que, chorando de orgulho, o estreitaram contra o coração.

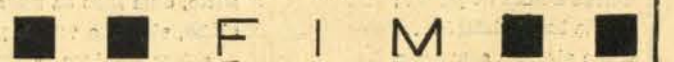
Acto contínuo, uma nuvem de «reporters» solicitava as im-

pressões da sua extraordinária aventura, as quais ele confiou em primeiro lugar, ao repórter do *Pim Pam Pum!*

No dia seguinte, todos os jornais de Lisboa e Porto traziam grandes relatos da extraordinária aventura, que teve enorme repercussão em todo o mundo.

Organizaram-se cortejos, foi recebido na Câmara Municipal e condecorado com a Espada sem Torre. Até a Tóbis comprou por 600 contos, o direito de filmagem das suas aventuras!

Ora, eu devo advertir os meus leitorzinhos, de que esta história foi um mau sonho, que o Chico Mananico teve há dias e que me confiou, em virtude do qual, quando ouve falar em baleias, até os cabelos se lhe põem em pé...





POR GRACIETTE BRANCO
DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

O Maneca e o «Zé-Zé»,
lá na copa, que eu bem sei,
não querem arredar pé,
por causa do bôlo-rei.

Acabado de chegar,
reluzente, apetitoso,
dá desejos de o trincar
até ao menos guloso...

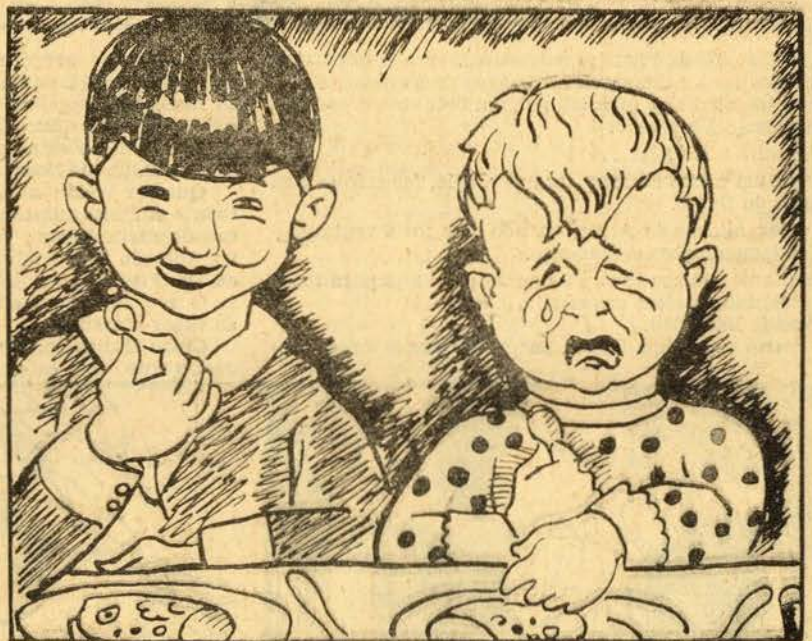
O «Zé-Zé», mais acanhado,
não lhe mexe, que a mãe ralha...
Mas do Manequinha, ousado,
a imaginação trabalha...

«— Se eu lhe tirasse um bocado?...
Aii... Não quero... tenho medo!...
(mas, exclama, iluminado :)
— E se eu lhe metesse um dedo?»

Dito e feito. Com cuidado,
o seu dedinho atrevido,
fura o bôlo, lado a lado,
sendo, em seguida, lambido.

Chupou, tornou a chupar,
tirou passinhas, também...
e pôs-se a depenicar
enquanto lhe apeteceu.

.....
Chega a hora de jantar:
Muita luz, animação...
Tudo alegre a conversar,
tendo o Sol no coração!



Existe tanta beleza,
tanta alegria a pulsar,
em redor de qualquer mesa
com cristais a tilintar!

Só no peito do Maneca
não há risos nem beleza)
Acontece isto a quem peca...
São remorsos, com certeza...

O coração do Zézinho,
muito limpo de pecado,
é tão branco como o linho
côrando sôbre um eirado.

Nisto, dum lado da mesa,
vinha, alegre, a voz do pai:
— «Meus meninos: a surpresa
do bôlo-rei... a quem sai?»

Os dois irmãos, de repente,
tremendo, cortam o bôlo.
Zé-Zé faz cara contente...
O outro... cara de tolo.

E enquanto, em grande alegria,
O «Zé-Zé» se festejava
O Maneca sucumbia
pois só lhe saíra... a fava.

Foi uma bela lição
dada pela Providência.
— Não mais teve, desde então,
pecado na consciência.



Charadas em frase

Este banheiro *salva* os banhistas neste curso de água junto ao seu estabelecimento. 2-2

Este médico *restabelece* os doentes após o sofrimento e é, por tal motivo, um reformador. 3-1

Eu *ofereço* esta ave que *canta* no ribeiro ao melhor filósofo. 1-2-2

Nesta terra espanhola encontro esta flor de aparência robusta. 2-2

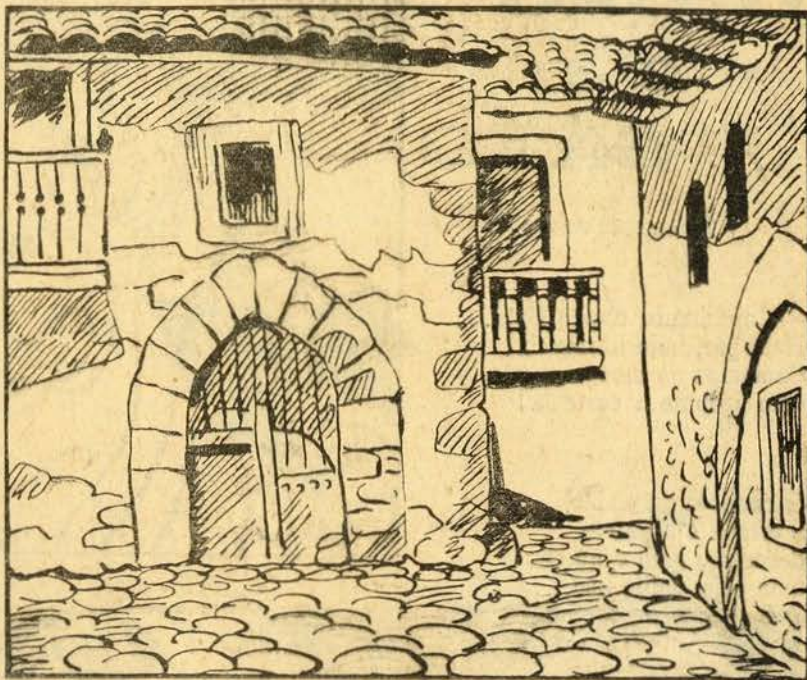
Esta mulher compõe um artigo sobre qualquer velharia. 2-3

Eu *marcho* *veloz* e de bico calado nesta dança de roda. 2-2

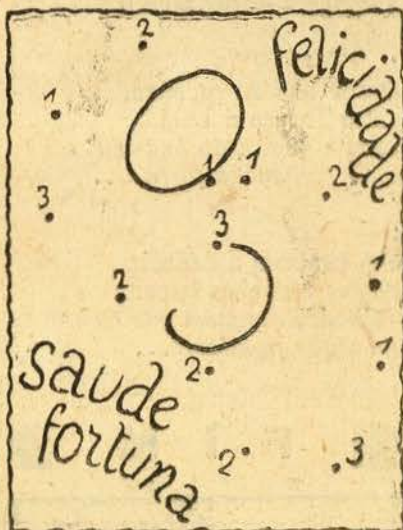
Com esta afirmativa e este instrumento da minha parenta lhe afirmo a minha afeição. 1-1-2.

Solução das anteriores: 1—Caneta, 2—Revista, 3—Obrigado, 4—Caramelo, 5—Cortina.

PARA OS MENINOS COLORIREM



ADIVINHA



Meus meninos: — Está prestes a chegar um jovem que vos trará saúde, felicidade e fortuna. Vejam se descobrem o seu nome.

CHARADAS COMBINADAS

- | | | |
|-----------------------------|-------------------------------|---------------------------------|
| + to — Exacto | + te — Ponto cardial | + ma — Labareda |
| + la — Pano de navio | + me — Atentado | + ta — Mentira |
| + ula — Prisão de fera | + lo — Presunçoso | + ma — Terra molhada |
| + o — Curso de água | + o — Curso de água | + o — Curso de água |
| + la — Fila | + co — Vazio | + na — Nome feminino |
| Conceito: — Estabelecimento | Conceito: — Gabinete | Conceito: — Estabelecimento |
| + la — Cercadura | + no — Tubo | + ma — Leito |
| + co — Bocado | + cho — Cantinho | + lo — Formoso |
| + to — Queixo | + la — Pano de navio | + to — Cama |
| + lo — Presunçoso | + la — Tecido | + to — Animal roedor |
| Conceito: — Enfeite | Conceito: — Objecto cor-tante | Conceito: — Ornamento da cabeça |
| + ma — Leito | + to — Cama | + vro — Pequeno tomo |
| + l — Amargo | + to — Cobertura | + te — golpe |
| Conceito: — Bebida | Conceito: — Bebida | Conceito: — Bebida |

Solução das anteriores: 1 — Cadeira. 2 — Cômoda. 3 — Estante. 4 — Secretária. 5 — Aparador. 6 — Armário. 7 — Mesa. 8 — Banco. 9 — Cama.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



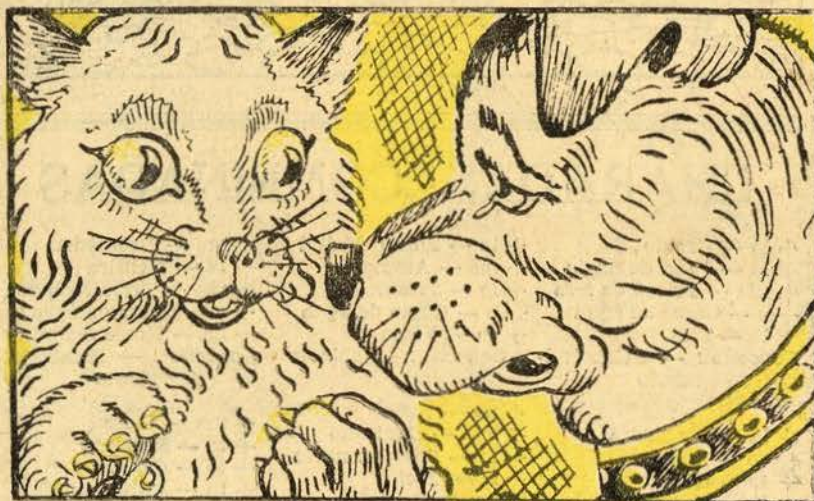
Como se desenha um automóvel de corridas

O CÃO e o GATO

(Continuação da pág. 1)

— Combinado, amigo Gato...
Haja paz, haja harmonia!
Comamos no mesmo prato,
com apuro e cortezia!

Sabedores da união,
a criada e a patrão
deram ao gato e ao cão
uma ceia muito boa,



— «Eu fui injusto, bem sei,
de bom não dês aparatos;
mas a fome não tem lei...
Vai, agora, caçar ratos!»

Desde que tal sucedeu,
entre Tareco e Lulú
volta a guerra do *béu-béu...*
e do *rinhãnhau-fu-fu!*...

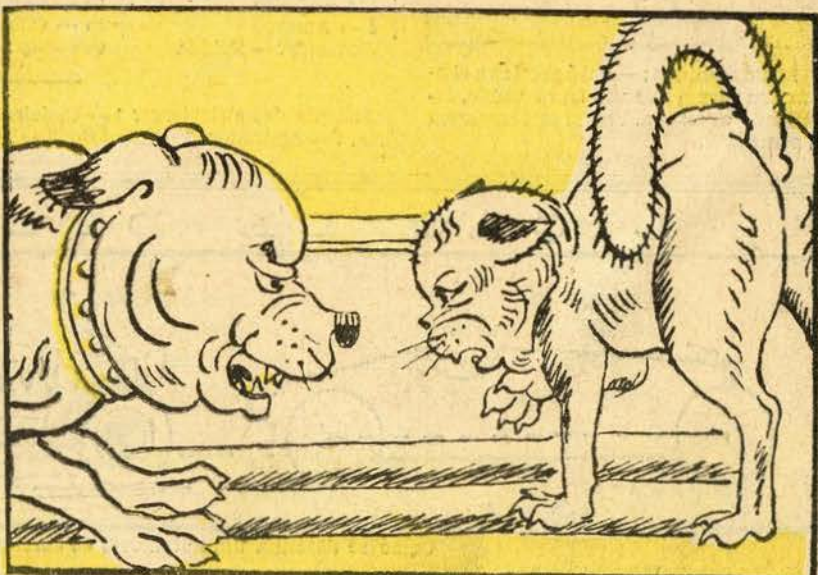
Um conceito a deduzir
dêstes versinhos banais:
— *Nunca ninguém queira uni
inimigos figadais!*...

que constou de carne assada,
e dum peixe bem taludo!
Vai, nisto, o cão come tudo
e deixa o gato sem nada.

Rairoso lhe diz o gato;
— «Não gostei da brincadeira!
Já que traístes o contracto,
toma lá na focinheira...»

E quatro unhas lhe deu
como paga da façanha...
Um, *fu-fu!*... Outro, *béu-béu!*...
Eis se trava feroz sanha!

E já da luta no cabo,
diz o gato: «E's um vilão!
Comeste, de cabo a rabo,
a tua e minha ração.»



■ F I M ■